

O BAÚ DAS PATACAS

LUÍS PINTO GARCIA



Centro de Estudos CECHAP - Vila Viçosa

O BAÚ DAS PATACAS

LUÍS PINTO GARCIA

Centro de Estudos CECHAP - Vila Viçosa

Título: O Baú das Patacas

Autor: Luís Pinto Garcia

Edição: Centro de Estudos CECHAP - Vila Viçosa

Impressão e Acabamento: Fórum dos Numismatas

ISBN: 978-989-53156-5-9

Tiragem: 100 exemplares

Data da Edição: 2021



"The head of a fool on the neck of an ass"

O BAÚ DAS PATACAS

Decorria o ano de 1936 quando, num certo dia soalheiro de Primavera, fui procurado na encantadora cidade de Estremoz pelo velho, simpático e conhecido antiquário calipolense João Maria Espanca. Eu conhecia Espanca desde a minha meninice e ligava-me a este homem, admirável sob muitos pontos de vista, uma forte simpatia.

O pai de Florbela Espanca, da divina Florbela, princesa dos poetas das Espanhas, nutria pela memória da filha querida uma admiração envolta de tão fundo amor paterno que me enternecia sempre que o encontrava e dela falávamos como tema obrigatório. Trocávamos então impressões sobre os malogros consecutivos das tentativas de homenagem à infeliz poetisa, das criminosas incompreensões que não permitiam o preito de justiça das gentes alentejanas e das gentes de quase todo o país a ela devido, e às deambulações dos seus bustos por arrecadações e por recantos escondidos de jardins públicos.

Vi-o pela última vez em Castelo Branco, na sua derradeira visita a dois amigos velhos, quando demandava terras da Beira na sua vagamundagem de antiquário.

Na casa dos 80, João Maria Espanca, tinha o aspecto de velho fidalgo, a que uma barbicha bem cuidada dava grande dignidade e uma rara distinção. Vi-o ainda chorar quando se falou na sua Florbela.

Olhando João Espanca, recordei os meus tempos de menino quando ele visitava meu pai e desbobinava perante mim como um «écran» uma parte da sua vida que eu conhecia por ouvir narrar e a que não faltava pitoresco e espírito de aventura.

Começara Espanca como oficial de mester humilde em oficina própria. Ali mourejava e ia alcançando um modesto passadio até que um dia novos horizontes se abriram na sua vida de honrado proletário. Uma senhora de sangue real passou pela sua oficina e ofereceu-lhe por uma cadeira de couro uma quantia tão grande que o deixou estarecido. Surpreendido pelo valor insuspeitado daquela peça de mobiliário, fechou a oficina e lançou-se na procura de mais cadeiras com assento e espaldar de Moscúvia e de outras coisas que pudessem suscitar o interesse de compradores do mesmo género daquela grã-senhora. Assim se lançou João Maria Espanca na senda de antiquário profissional e, passado pouco tempo, abria estabelecimento. Inteligente e curioso, começou a estudar tudo o que adquiria e, seguidamente, vendia, e procurava os entendidos com quem trocava impressões. Anos depois o jovem antiquário não destoava perante os coleccionadores. Nada já era novo para ele e exhibia uma soma de conhecimentos impressionante. E digo impressionante porque, de facto, admirava

como um homem de débil alfabetização não ignorava nada sobre arte e antiquária. Tudo conhecia e apesar da sua deformação profissional, era consultado sobre determinados problemas. O Alentejo era então um alfobre rico. Topava tudo na aldeia mais recôndita como na vetusta Évora.

Móveis de estilo, nacionais e estrangeiros, em madeiras indígenas e exóticas, arcas de matasana (sicupira) para desmanchar ou para vender inteiras, tábuas primitivas e telas aos milhares, e tantas de boa feitura elas eram, imagens de madeira estofada, crucifixos em marfim, nacionais e indo-portugueses, azulejos de figura avulsa da fábrica alfacinha dos Oliveira Bernardes ou hispano-mouriscos de aresta ou corda seca, porcelanas da Companhia com figuras europeias, Mings preciosos, faianças francesas e nacionais como Bica do Sapato e Rato, estas marcadas e assinadas, milhares de peças de Estremoz, armas antigas, latões, bronzes, cobres, ferros forjados, estanhos, metais ingleses, tudo passava pelas suas mãos e desfilava pela sua casa comercial. No fim da sua vida Espanca era já um autêntico «expert» e muitas vezes era ouvido para aclarar certas dúvidas sobre se um prato não marcado monócromo (azul) era Estremoz ou Rato ou se aquele tapete era Tabriz ou Bukhara.

Apresentou-se também Espanca, no princípio da sua vida, sob facetas multímodas e no seu longo decurso foi protagonista de cenas rocambolescas.

Foi um pioneiro da projecção cinematográfica e com o padrinho de sua filha Daniel Barroso, este nativo de Castelo Branco, percorreu enormes parcelas do país, do sul de Espanha e do norte de África com uma das primitivas máquinas maravilhosas da invenção dos irmãos Lumière nos ditos tempos do mudo.

Simultaneamente foi fotógrafo profissional.

Seu filho Apeles, malgrado oficial da Aviação Naval e pintor de mérito, herdou de seu pai a inclinação para as artes plásticas. Espanca pintou e deixou alguns quadritos a que não faltam plasticidade e cunho artístico.

Foi assim João Maria Espanca que eu não mais tornei a ver após se ter despedido de meu pai e de mim, em Castelo Branco, quando regressava à sua terra natal.

Voltemos, porém, depois desta divagação, a gozar novamente o sol daquela tarde de Abril em que nos encontramos naquele rossio de Estremoz. Trazia Espanca uma moeda de ouro para me mostrar e certamente vender e uma novidade que só me revelaria em Vila Viçosa. A peça monetária era uma Dobra de Banda, uma das suas muitas variantes, que apresentam a característica especial de ser em ouro esbranquiçado, assemelhando-se mais a «electron», do que a ouro propriamente dito e vim a adquiri-la. Não se mostrando disposto a revelar a natureza da novidade, fez-me arder em curiosidade e, logo no dia seguinte, eu ia de rota batida em direcção à vila ducal. Entrei na sua casa, em cujos baixos ficava o estabelecimento, espicaçado pelo desejo, que não escondia, de ver

abrir-se essa caixa de surpresas. Lembro-me perfeitamente que, no acto de cumprimentos, me chamou a atenção para uma travessa de Ruão, na parede, por cima de uma porta que ligava a outra divisão da casa onde se expunham mais e mais objectos.

Foi exactamente nesse compartimento que se me deparou a novidade anunciada. Era um baú e não vi, pois não podia ver, em que consistia a novidade, não percebendo porque motivo João Espanca me aguçara o apetite, dando ares de mistério ao seu anúncio.

Depois de algumas palavras sibilinas e de uns certos gestos, como se fossem um ritual, e que logo no momento não atingi, Espanca abriu então o baú, um baú de tamanho médio, e deixou-me estupefacto! Estava cheio de moedas de prata! Inclinei-me e verifiquei que eram espanholas, pelo menos as das camadas superiores. Eu estava deslumbrado. Sentei-me num mocho baixo e remexi aquele acervo argênteo. Tive a noção que estava junto de um tesouro de pirata. O meu espírito deslocou-se logo para paragens longínquas e ficou pairando pelas Caraíbas onde se imagina a existência de tesouros enterrados por corsários e bucaneiros.

Acordou-me o velho antiquário e amigo de meu devaneio e revelou-me que as moedas haviam pertencido a uma mulher velha de uma freguesia próxima e que as comprara a uma herdeira. Antes tentara em vão comprá-las à primitiva proprietária. O peso de prata era tal que não podia o baú ser transportado pelas argolas mas teve que ser

levado para o carro que o trouxera, e para o local onde agora se encontrava, colocando dois paus por baixo.

Mexi e remexi inebriado com o que via e constatei que tudo era espanhol, aliás espanhol e hispano-americano. Pesos e duros das casas da moeda peninsulares e das da América do Sul e Central, desde Carlos III a Afonso XII. À medida que pegava nelas às mãos cheias, desfilou perante os meus olhos extasiados quase um século de emissões. Carlos III, Carlos IV, Fernando VII, Isabel II, Governo Provisório, Amadeu de Sabóia e o penúltimo dos Afonsos. Todas as oficinas espanholas, peruanas e mexicanas deviam estar ali representadas.

Espanca comprou tudo, incluindo o baú, e só vendia tudo. Não me recordo do preço, mas era elevado, pois a prata era muita. Algumas arrobas! Podia-se com aquele conjunto vultoso, fazer uma colecção estupenda, que qualquer coleccionador adiantado espanhol, mexicano ou sul-americano não desdenharia possuir. Mas o quê?! Era muito dinheiro para mim e não comprei. Quantos arrependimentos não tive mais tarde! Compreendi, sem remédio, que há oportunidades que não se devem perder.

Quando remexia pela última vez e mais profundamente, tendo para isso despido o casaco e arregaçado as mangas da camisa, vi escorregar como um esqualo uma peça que me pareceu contramarcada. Procurei-a durante uma hora, suei e quase desanimei. Mas reencontrei-a. Era uma pataca de Carlos IV com contramarca de Jorge III da Grã-Bretanha.

Concedeu-me João Maria Espanca a graça, porque não as vendia parcialmente a peso, nem tão-pouco moeda por moeda, concedeu-me a graça, repito, de me ceder essa por uma quantia que já esqueci.

Era aquela moeda, que pertence às numismáticas de três países, Peru, Espanha e Inglaterra, e de que os colecionadores destes dois últimos países diziam, com ironia cruel, que tinha carimbada a cabeça de um asno no cachaço de um burro*.

Luís Pinto Garcia

*Por motivos valorativos, ponderais e políticos também os Ingleses diziam que duas cabeças reais não valiam uma Coroa.





Dobra de Banda.
Ex-colecção Luís Pinto Garcia.

Esta reedição foi publicada por ocasião da exposição

ANTES QUEBRAR

LUÍS PINTO GARCIA
Calipolense

organizada pelo Centro de Estudos CECHAP de Vila Viçosa.
O original foi publicado na Revista MOEDA,
em Outubro de 1973.

Tiragem: 100 exemplares.

Vila Viçosa
2021/22



Organização



Parceiros



Apoio



Um projecto

Artes & Letras

Cofinanciado por

